

# Juventude e Ensino Médio: Pensando a escola e os projetos de vida<sup>1</sup>

Bruno Márcio de Castro Reis\*

## Resumo

O presente artigo pauta-se em um estudo desenvolvido como trabalho de conclusão do curso de graduação em Psicologia, realizado ao longo do ano de 2011. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo que teve por objetivo averiguar como os jovens, estudantes do 3º ano do Ensino Médio, lidam com a possibilidade de acesso ao Ensino Superior, e como percebem a atuação da escola frente aos seus projetos de vida. Foram ouvidos grupos de estudantes de duas escolas, uma pública e outra particular, localizadas nas cidades de Vespasiano e Belo Horizonte, respectivamente. Na escola pública, foram ouvidos doze alunos do 3º ano do Ensino Médio. Na particular, foram ouvidos 7 alunos. O trabalho privilegiou a realização de entrevistas coletivas, ou seja, os jovens foram ouvidos em seu grupo escolar. O estudo evidencia a complexa interface juventude e escola, em sua diversidade e potencialidade.

**Palavras-chave:** Juventudes. Ensino médio. Escola. Projetos de vida.

---

\* Psicólogo, mestrando em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Bolsista CAPES. Orientadora da monografia (graduação): Adriana Maria Brandão Penzim, Professora do curso de Psicologia da PUC Minas – Unidade São Gabriel – Doutora em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

---

A motivação inicial para esse estudo surgiu a partir de visitas realizadas a uma escola da rede pública na Região Metropolitana de Belo Horizonte onde se percebia haver tanto por parte da direção escolar, como também de alguns professores, o entendimento de que os alunos se encontravam desmotivados com os estudos e pouco interessados com os vestibulares. Em busca de melhor compreender tal fenômeno, foi realizada uma pesquisa com a participação de alunos de duas escolas localizadas nas cidades de Belo Horizonte e Vespasiano, Minas Gerais. Não se buscou modos de ajustar sujeitos, adaptá-los, mas conhecer vivências distintas que possam vir a enriquecer o debate no campo da Psicologia em sua interface com a Educação, numa perspectiva crítica. Adota-se uma metodologia de concepção qualitativa fazendo uso da técnica de entrevistas grupais. Por meio dessas entrevistas, foi favorecido o diálogo entre os entrevistados, o que facilitou a troca de informações e a reflexão coletiva pelo grupo ouvido (GASKELL, 2006, p. 68).

Nos limites deste artigo não me será possível aprofundar a análise sobre as várias discussões advindas do estudo, portanto, me limitarei, na primeira parte, a discutir a expansão do Ensino Médio no Brasil e, na segunda parte, a apresentar os principais resultados do estudo realizado.

## A expansão do Ensino Médio no Brasil: dilemas a partir da diversidade juvenil

Compreender as juventudes na contemporaneidade e sob esse olhar discutir processos de escolarização se faz necessário quando se entende que dimensões sociais e políticas configuram condições de existência e produzem subjetividades. Com a expansão do Ensino Médio no Brasil, nas décadas de 1980 e 1990, observa-se nas escolas, sobretudo públicas, grande heterogeneidade de alunos, o que amplia ainda mais a diversidade presente no ambiente escolar. Conhecer esses jovens que chegam

---

<sup>1</sup> Agradeço a leitura prévia e os comentários para escrita deste texto a Karina Santos e Bianca Rocha.

---

à escola passa a ser não apenas algo importante para a escola, como também necessário. Segundo Leão (2011), vários estudos mostram que a ampliação da escolarização no Brasil representou muito mais a massificação do acesso à escola do que a democratização dos saberes ou das condições adequadas para a melhoria da qualidade da educação. Esse autor afirma que grande parte dos estudantes estão passando por processos de escolarização frágeis e limitados que, na maioria das vezes, não são capazes de lhes garantir inserção social e profissional.

Frigotto, embora considere a recente expansão do Ensino Médio, avalia que “pouco mais da metade dos jovens que têm direito ao Ensino Médio o estão frequentando e destes, apenas 25% na idade adequada”. (FRIGOTTO, 2009a, p. 26). São grandes os desafios para os estudantes manterem os estudos, sobretudo aqueles oriundos de camadas populares. Há que se considerar que muitos são os jovens que nem chegam ao Ensino Médio, interrompendo sua trajetória escolar ainda no Ensino Fundamental.

Junto à diversidade juvenil, chegam também à escola, com mais intensidade, os conflitos e as contradições sociais.

É diante de um público juvenil extremamente diverso, que traz para dentro da escola as contradições de uma sociedade que avança na inclusão educacional sem transformar a estrutura social desigual – mantendo acesso precário à saúde, ao transporte, à cultura e lazer e ao trabalho – que o novo Ensino Médio se forja. As desigualdades sociais passam a tensionar a instituição escolar e a produzir novos conflitos. (CORTÍ, 2009, p. 12).

Para os que trabalham nas escolas públicas, urge ler a realidade social do país entendendo que os “problemas” que os jovens trazem para a escola são fruto de processos de socialização diversos, em condições econômicas, políticas, culturais e sociais desfavoráveis. Diante de tamanha complexidade, Frigotto, afirma que “para reverter o quadro lastimável do Ensino Médio, o primeiro passo é o de romper com as estruturas que produzem e reproduzem esta desigualdade entre os jovens de uma mesma geração”. (FRIGOTTO, 2009a, p. 28), sugerindo que se tal rompimento é possível através de ações e políticas estruturais, o é também em nível micro na elaboração de projetos pedagógicos que considerem os sujeitos reais, concretos, portanto, tomando os estudantes como sujeitos de direitos coletivos e subjetivos.

Por seu lado, Leão (2011) assevera que, desconhecendo os sujeitos que agora compõe o corpo discente das escolas e não estabelecendo o diálogo com os alunos, a escola mantém-se distante dos estudantes e os deixa distantes dela, ao não reconhecer suas práticas sociais, seus saberes e valores. A escola abriu as portas aos novos alunos, porém não se adequou ainda à realidade do novo público. Fechando os olhos para as transformações sociais ou não sabendo como lidar com elas, o que se verifica é a individualização dos problemas ou a patologização das diferenças.

Ferreira (2011) assinala que a expansão escolar deparou-se com conflitos advindos tanto da diversidade cultural quanto da elevação do número de alunos matriculados, em um contexto em que as políticas públicas e as ações governamentais não acompanharam tal expansão. Assim, em nosso país, foi preciso “fazer mais com menos”, o que se viu foi o aumento do trabalho e das demandas, sem um correspondente aumento de equipamentos para suprir as necessidades da nova realidade escolar.

Os processos de escolarização também estão intimamente ligados à inserção juvenil no mercado de trabalho, seja pela precariedade dos estabelecimentos e da massificação do acesso à escola, seja pela transmissão ideológica de valores que reforçam a divisão de classes e a divisão social do trabalho. Hoje, muitos defendem que um marco importante na juventude é a passagem da condição de estudante para a de

trabalhador, porém, “em boa parte dos casos, não há uma passagem, mas uma articulação entre vida escolar e trabalho ao custo dos sacrifícios que tal combinação impõe”. (LEÃO; CARMO, 2010, p. 5).

Colocar em questão a naturalização de tal fenômeno contribui para pensarmos formas de desconstruir o que se solidifica e invisibiliza a historicidade dos fatos sociais. Compreender que comumente se observa que entre os jovens a articulação da vida escolar com o trabalho permite repensar a realidade juvenil contemporânea. Não se pode desconsiderar as condições econômicas e materiais que favorecem e empurram cada vez mais precocemente a juventude para o trabalho formal ou informal. Vale considerar que, por agravantes dessa situação, se podem tomar as precárias condições de trabalho a que muitos estão submetidos, que dificultam e até mesmo impossibilitam conciliar emprego e estudo.

Canesin (2002), referindo-se aos estudos realizados no campo da juventude em que se aborda a interface entre educação e trabalho, ressalta que as produções apontam inadequação entre o sistema educativo e a realidade do aluno trabalhador. Segundo essa autora, o sistema educativo está em descompasso com as aspirações profissionais dos estudantes e pouco os qualifica ou contribui para o desenvolvimento de suas competências. Para ela, as pesquisas apontam a inadequação no sistema educativo, sobretudo nos cursos noturnos.

Não se pode confundir universalização do acesso à escola com igualdade de condições nos processos educativos. Pensar a realidade da educação no Brasil, onde se expande o acesso à escola sem que haja proporcional redução das desigualdades sociais, se faz desafiante. Em nosso país, o problema não é apenas da escola, mas também não está aquém dela. Acreditando que a escola tem por papel transmitir saberes acumulados, não podemos esquecer que também tem práticas políticas. Sem ingenuidade, é sempre bom se perguntar: qual a intencionalidade de um sistema que se organiza de tal forma? Parece ser pertinente a essa altura afirmar que estar dentro da escola não significa igualdade de condições educacionais.

### **Convite à reflexão: questões levantadas e debatidas pelos jovens estudantes**

A seguir, discuto os principais aspectos ressaltados pelos jovens ouvidos nas escolas, pública e particular. As entrevistas constituíram-se não apenas em oportunidade de discussão sobre os projetos de vida, como também sobre a escola, em suas potencialidades e seus limites. São questões que nos convidam a refletir sobre a interface juventude e educação.

O aspecto de violência “das” e “nas” escolas é muito presente na fala dos alunos. Na escola pública sobressai a precariedade da estrutura física do estabelecimento, as faltas constantes dos professores, o aspecto de presídio e o sentimento de aprisionamento vivenciado pelos estudantes. Vários alunos, na escola pública, fazem menção a essa imagem de prisão e relatam cenas e episódios de violência. Abramovay (2007), falando sobre as violências “nas” escolas e “das” escolas, evidencia o caráter complexo das relações no meio escolar, conceituando e distinguindo diferentes formas de violência ali presentes. Neste breve trabalho, restrinjo-me a destacar que a autora observa um tipo de violência que atinge a escola e outro que é por ela produzido.

Na escola particular, o aspecto de violência emerge como forma de organização escolar e também de avaliação do aprendizado. Os alunos reclamam da pressão que sentem em relação aos seus desempenhos e também das imposições feitas pelos professores e coordenadores diante do vestibular.

É como uma bomba. No primeiro e segundo ano você vem relaxado. Aí no terceiro aumenta matéria, aumenta carga horária de aula, aumenta prova. Aí chega a coordenação cobrando da gente que a gente está tirando nota ruim. Geral tira nota ruim, todo mundo assusta. Se todos tiraram nota ruim, a culpa não é dos alunos. Eles estão acostumados com aquele tipo de ensino. Ano passado foi bimestre, esse ano foi trimestre. Então mudou o estilo de estudo do povo, o cronograma, tudo. Então, apertou mais, a cobrança é maior, a pressão é maior. Então isso aí assustou muita gente. Tanto que muita gente na primeira etapa dançou. (A.C., 18 anos).

Observa-se que a pressão exercida sobre os estudantes intensifica-se no final do Ensino Médio. A mudança de conteúdo das matérias e a divisão de bimestres e trimestres são fatores que dificultam o aprendizado dos estudantes. "Dizer que a escola é disciplinar, portanto, significa dizer que ela é o espaço de aprendizado dos saberes, por um lado, e que é o lugar do aprendizado do autocontrole, por outro lado". (GALLO, 2000, p. 169). A escola ensina, avalia e exige que os alunos exerçam autocontrole e se adequem. Em ambas as escolas, pública e particular, são questionados os modos como se é realizado o trabalho em torno do vestibular, e os alunos criticam a cobrança feita no 3º ano, sugerindo que essa temática deveria ser discutida em períodos anteriores de sua formação.

Os estudantes ouvidos na escola pública reclamam da dificuldade de acesso à biblioteca e destacam a falta que sentem da realização de uma feira de cultura na escola; afirmam ainda que a feira é uma atividade importante e que poderia, além de contribuir para maior relacionamento entre eles próprios, estimular maior envolvimento com os estudos. No plano das propostas de trabalhos possíveis na escola, os alunos sugerem a realização de cursos preparatórios para os vestibulares. Na escola particular, os estudantes sugerem que a escola poderia utilizar melhor o espaço escolar, visto que há boa estrutura física.

Quando observados os projetos de vida dos estudantes, verifica-se grande diversidade. Além das incertezas e imprecisões quanto ao futuro, vê-se um planejamento marcado por inserções provisórias no mercado de trabalho. Sobre os jovens estudantes das camadas populares, diz Dayrell (2009) que são desafiados comumente pelas dificuldades econômicas encontradas para sobreviver e para concretizar seus projetos futuros. Na fala dos jovens ouvidos, observa-se que a opção de continuidade dos estudos encontra-se condicionada à situação econômica familiar e na maioria das vezes o trabalho surge como uma fonte de renda para financiar a qualificação profissional. Assim, são relatadas muitas estratégias para se atingir os objetivos propostos. Trabalhar com amigos e familiares parece ser uma tática muito utilizada pelos estudantes. Os alunos ainda chamam a atenção para a forma de organização escolar que acreditam não levar em consideração, em muitas ocasiões, a realidade do aluno trabalhador. São grandes os desafios quando "os jovens trabalhadores são estrangeiros numa escola que não fala sua língua, que ignora o que eles sabem, levando-os a sucessivas repetências, defasagem idade-série, e ao abandono". (FRANZOI, 2011, p. 123). A respeito da diversidade de projetos de vida, Leão diz:

Essa diversidade de projetos, sentidos e motivações pode ser a expressão dos conflitos de uma sociedade que expandiu a escolaridade e o consumo, mas no contexto de baixas perspectivas de mobilidade social, em que a distância entre ricos e pobres continua muito grande, até mesmo maior em alguns casos. (LEÃO, 2011, p. 109).

Os vestibulares e o acesso ao Ensino Superior demandam uma reflexão crítica sobre a forma como se tem trabalhado nas escolas. São ressaltados os vestibulares a partir dos conteúdos das provas; todavia, pouco se sabe ou se trabalha sobre os programas de acesso às universidades, programas de financiamento dos estudos ou mesmo obtenção de bolsas. Os programas de profissionalização e as profissões também são pouco discutidos; não se sabe sobre seus conteúdos ocupacionais e possíveis espaços de inserção profissional. O período das inscrições para os processos seletivos e o seu acompanhamento parece não ser alvo de atenção da escola que, ao contrário, cobra o envolvimento do estudante com esse processo e espera que o mesmo seja bem sucedido. Observam-se ações isoladas e pouco articuladas por parte dos professores. Falta às escolas, com base nos relatos dos estudantes, uma ação mais estruturada frente aos vestibulares e às qualificações profissionais. As escolas também parecem estabelecer pouco diálogo com os alunos, o que impede que compreenda demandas e necessidades, e que os apoie em seus anseios.

## Algumas considerações

Este estudo evidencia a complexidade da interface juventude e escola, assim como sua diversidade e potencialidade. Penso que esta pesquisa, por apresentar importantes questões para a reflexão, pode contribuir para o debate sobre os processos educativos contemporâneos. Contudo, é importante salientar que, quando se busca uma escola que reconheça a pluralidade da condição juvenil, não se pretende omitir ou fazer invisíveis os problemas que a organização do sistema político e escolar impõe aos profissionais da educação e que tornam seu ofício mais difícil de ser desempenhado, dadas as precariedades e carências que enfrentam. Ao procurar compreender a escola sob o olhar do estudante não se teve por objetivo, portanto, ignorar os vários outros olhares dos diversos atores envolvidos no contexto educacional. Porém, considero que para uma escuta mais qualificada de tais atores seria necessário um aprofundamento maior sobre essa realidade o que, por ora, este estudo não se propôs a realizar, mas que se faz de extrema importância em outras pesquisas. Após este trabalho, tenho hoje novas perguntas e motivações para estudos futuros.

### Abstract

This article results from a study developed for the Course Final Paper in Psychology in the year of 2011. This is a qualitative research, which aims at investigating how High School Seniors deal with the possibility of entering Higher Education and how they perceive the role of the school in their life projects. We have interviewed groups of students from a public and a private school, located respectively in the cities of Vespasiano and Belo Horizonte. In the public school, we interviewed 12 Senior students, whereas in the private school, a total of 7. We decided on having collective interviews, that is, the students were heard within their own school group. The study shows the complex interface between youth and school regarding their diversity and potential.

**Keywords:** Youth; High School; School; Life projects.

## Referências

ABRAMOVAY, Miriam. Violência no meio escolar: violências das e nas escolas do Brasil. In: INSTITUTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE (Org.). **Criança e adolescente**: prioridade

absoluta, Belo Horizonte: PUC Minas, 2007. p. 261-279.

CANESIN, Maria Teresa; CHAVES, Elza Guedes; QUEIROZ, Edna M. O. Contribuições conceituais sobre juventude e suas relações com o trabalho e a educação. **Inter Ação: Revista da Faculdade de Educação**, v. 27, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/1508/1495>>. Acesso em: 25 out. 2012.

CORTÍ, Ana Paula. Juventude e diversidade no ensino médio. **Salto para o futuro**, v. 18, n. 18, nov. 2009. Disponível em: <[www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14250518-JuveEscoldoEM.pdf](http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14250518-JuveEscoldoEM.pdf)>. Acesso em: 3 out. 2012.

DAYRELL, Juarez. O aluno do ensino médio: o jovem desconhecido. **Salto para o Futuro**, v. 18, n. 18, nov. 2009. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14250518-JuveEscoldoEM.pdf>>. Acesso em: 3 set. 2012.

FERREIRA, Mônica Dias Peregrino. Juventude e escola – elementos para a construção de duas abordagens. *In*: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Org.). **Juventudes Contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011. p. 81-98.

FRANZOI, Naira Lisboa. Juventude, trabalho e educação: crônica de uma relação infeliz em quatro atos. *In*: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Orgs.). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011. p.117-134

FRIGOTTO, Gaudêncio. Ensino médio no Brasil: juventudes' como futuro interditado. **Salto para o Futuro**, v. 18, n. 18, nov. 2009a. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14250518-JuveEscoldoEM.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: mistificações e desafios de uma relação complexa. **Salto para o Futuro**, v. 18, n. 18, nov. 2009b. Disponível em: <[www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2004/em/tetxt2.htm](http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2004/em/tetxt2.htm)>. Acesso em: 30 set. 2012.

GALLO, Sílvio. Disciplinaridade e Transversalidade. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Linguagens, espaço e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 165-179.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006. Cap. 3, p. 66-89.

LEÃO, Geraldo; CARMO, Helen Cristina do. A escolarização e o trabalho no horizonte de jovens de um curso pós-médio. **Vertentes**, n. 35, 2010. Disponível em: <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes\\_35/geraldo\\_e\\_helen.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_35/geraldo_e_helen.pdf)>. Acesso em: 26 set. 2012.

LEÃO, Geraldo. Entre sonhos e projetos de jovens, a escola. *In*: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Org.). **Juventudes Contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011. p. 99-116.